

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO**

ANDRESSA MARINHO DOS SANTOS

**POR QUE OS ADOLESCENTES ESTÃO SE TRANSFERINDO PARA
EJA?**

Santa Maria, RS, Brasil

ANDRESSA MARINHO DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura Plena em Pedagogia

Orientadora: Prof.^a. Estela Maris Giordani

Santa Maria, RS, Brasil

2020

RESUMO

POR QUE OS ADOLESCENTES ESTÃO SE TRANSFERINDO PARA EJA

**ANDRESSA MARINHO DOS SANTOS
ORIENTADORA: ESTELA MARIS GIORDANI**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil percorreu uma longa trajetória, até ter a configuração do que conhecemos hoje, com o rebaixamento da idade mínima para o ingresso na EJA aumentou o número de jovens nesta modalidade de ensino. Portanto o presente trabalho tem como objetivo conhecer os motivos e razões que levam os jovens do ensino fundamental com idades entre 15 e 18 anos, estudarem na modalidade de ensino EJA. Busco a fala desses jovens, para que eles me descrevam os caminhos que os afastaram da educação regular e ingressaram na modalidade EJA. Para isso, busco a fala de 5 jovens, para que me respondam as perguntas por meio de questionário. A pesquisa apontou que cada um destes jovens tem um motivo pelo qual teve que se transferir para a EJA, busco compreender estes jovens que com todas as dificuldades enfrentadas por estes jovens eles buscam a continuidade dos estudos. A expectativa dos educandos vai além do ler e escrever, alguns estão na busca de um emprego melhor para o sustento da família, ou seja, em busca de uma nova perspectiva de vida.

Palavras chave: Educação. Educação de Jovens e Adultos. Juvenilização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 CONTEXTO ATUAL DA EJA NO BRASIL: A CRESCENTE ENTRADA DE ADOLESCENTES.....	8
3 MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS A ESTAREM PRECOCEMENTE NA EJA	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	22

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem sua origem no Brasil ainda no período colonial, com o objetivo de aumentar o número de pessoas alfabetizadas. A partir dos anos 1990, a EJA teve uma nova configuração (BRUNEL 2004), passou a atender jovens, com trajetórias escolares que foram interrompidas por diversas razões, entre elas: falta de motivação para estudar, entrada destes jovens cada vez mais cedo no mercado de trabalho, ou ainda, por motivos que diferentes, como a necessidade de cuidar de uma casa, cuidar dos irmãos, ou até mesmo cuidar de seus filhos.

A definição da temática deste trabalho de conclusão de curso, surge a partir das minhas experiências vividas nas inserções realizadas na modalidade de ensino EJA no curso de Pedagogia Noturno da Universidade Federal de Santa Maria(UFSM), enquanto fazia parte do currículo do curso. O curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno habilita a (o) egressa (o) para atuar na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e nas demais áreas em que sejam previstos conhecimentos pedagógicos, nas modalidades de educação básica, as disciplinas e as práticas são voltadas para a educação básica, mas o novo currículo do curso não possui disciplinas específicas voltadas nas diferentes modalidades de ensino. E também por observar a turma em que minha mãe estudava na EJA. Minha mãe possui atualmente 58 anos, e não teve a oportunidade de concluir seus estudos na idade certa, pois assumiu desde sua infância o papel de cuidar de uma casa, ela decidiu voltar para a escola para concluir o ensino fundamental e realizar um curso profissionalizante, e também para ter uma realização pessoal, pois na escola ela conseguia se sentir parte de um grupo, onde estava em pleno desenvolvimento. Então percebi que haviam poucos adultos, na sala de aula onde ela estudava, a maioria eram jovens, que estavam cursando essa modalidade no período noturno, muitos nos anos iniciais do ensino fundamental. Então passei a me questionar e ter curiosidade de quais seriam os motivos que faziam aqueles jovens estarem estudando ali na EJA no período noturno?

O objetivo desta pesquisa é compreender os motivos que levam os jovens menores de idade transferir-se para modalidade de ensino EJA. Pretendo também encontrar respostas para o que faz estes jovens deixarem de frequentar o ensino

fundamental no período diurno e passarem a frequentar a modalidade de ensino EJA. Busco compreender e esclarecer se os motivos que os levaram a sair do ensino regular se resolveram a partir do momento em que eles trocaram a modalidade de ensino. Diante disto, este trabalho de conclusão de curso, visa refletir e entender sobre a grande presença de jovens no ensino fundamental, na modalidade de ensino EJA. Elenco a seguir objetivos:

- Entender os motivos que levam os jovens a entrarem na EJA
- Discutir o processo de entrada de muitos jovens na EJA
- Observar quais são as perspectivas que estes jovens têm depois que estão na EJA

Com estes elementos busco analisar algumas questões da educação básica que favorecem o abandono da escola pelo os jovens. Minhas hipóteses para a questão da juvenilização da EJA, ou seja, a entrada de jovens com idade mínima para tal modalidade, são primeiramente que os alunos necessitam entrar precocemente trabalhadores. Outra hipótese poderia ser de ordem familiar, bem como as dificuldades de enfrentar o fracasso escolar.

Este trabalho então irá abordar a presença cada vez maior de adolescentes nas turmas de EJA. Considero este trabalho fundamental pois permitem ao leitor entender as razões que fazem os jovens procurarem a EJA cada vez mais cedo, e refletir a qualidade da educação básica, e pensar os motivos das reprovações a exclusão destes jovens do ensino regular. Desta forma também levanto questões que interessam a gestores e educadores que atuam no ensino fundamental.

O estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com metodologia exploratória descritiva. A abordagem qualitativa é uma investigação voltada para os aspectos qualitativos da questão. Segundo Flick (2009, p. 21) “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”. Busquei também Ludke e André para entender melhor sobre a pesquisa qualitativa.

São cinco as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística: a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e, e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (1986, p. 44)

A pesquisa qualitativa é realizada quando o objetivo do estudo é compreender o porquê de determinados comportamentos. Minha pesquisa é qualitativa pois busco analisar, os motivos que levam os jovens a trocar o ensino regular pela modalidade EJA, considerando as características de cada indivíduo, as respostas dos adolescentes foram particulares. A coleta de dados foi feita através de questionários com respostas descritivas. Para realizar a coleta de dados pensei inicialmente em ir à escola que me instigou a realização do presente trabalho, pois é uma escola que já conheço o corpo docente, por ter realizado meu estágio curricular na educação infantil e também por ter familiares inseridos nesta escola. Então, já havia criado um vínculo de confiança com as pessoas, o que facilitaria a coleta de dados. Num primeiro momento, pensei em acompanhar algumas aulas e depois realizar um questionário. Mas não consegui fazer conforme como planejado, por conta da suspensão das aulas presenciais em toda a rede de ensino, devido a pandemia da doença Covid-19.

Replanejei e comecei pesquisando trabalhos, como os de conclusão de curso, artigos, especializações, todos estes relacionados a modalidade de ensino EJA para que me dessem suporte na pesquisa. Como o meu estudo foi pensado a partir da realidade daquela escola, então tive que mudar a amostra e isso atrapalhou o planejamento que eu já tinha feito. Foi bastante difícil encontrar estudantes que estivessem disponíveis para responder o questionário, por conta do isolamento social que estamos enfrentando. Então aos poucos fui encontrando estudantes através do meu irmão que também estudou na EJA. Ele tinha amigos que estudavam na EJA, e esses foram me indicando outros jovens, e assim sucessivamente. Alguns indicaram pessoas que não se encaixavam no perfil da amostra que defini para esta pesquisa (jovens com idade entre 15 e 18 anos. Através da rede social Facebook achei as pessoas, comecei o contato com mensagens pelo aplicativo de Messenger e Whatsapp, todos eles concordaram em responder. Alguns responderam por meio de áudios via whatsapp, outros com mensagens, outros foram em minha residência e, eu também fui à residência de um deles. No final, consegui com que cinco pessoas respondessem ao questionário com as 17 perguntas. Para elaborar o questionário (APÊNDICE I) levantei minhas hipóteses em relação ao tema e a partir delas, fui construindo as dezessete perguntas contidas no questionário.

Este trabalho está estruturado em dois principais tópicos. No primeiro, apresento uma breve retrospectiva da EJA, de como era a configuração dela e o processo histórico até chegar nos dias atuais. Abordo o cenário atual da EJA, como

ela se estrutura, bem como a marcante presença de jovens nesta modalidade de ensino. Abordo a questão da juventude, sobre o que é ser jovem para entender as motivações e desafios do jovem em relação a trajetória escolar

Já no segundo, trago as respostas dos questionamentos realizados com os jovens pesquisados para analisar os motivos que os levaram a frequentarem a modalidade de ensino EJA. Abordo quais são as perspectivas de vida destes jovens quando voltam para a escola e depois que terminarem o ensino básico, o que estes jovens almejam para suas vidas.

2 CONTEXTO ATUAL DA EJA NO BRASIL: A CRESCENTE ENTRADA DE ADOLESCENTES

A Educação de Jovens e Adultos é amparada pela Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) e é ofertada para aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil apresenta muitas mudanças e está associada com as transformações sociais, econômicas e políticas de acordo com o momento histórico do país. A história da EJA começa desde a época do Brasil colônia, ela tinha como objetivo ensinar os adultos indígenas a ler e escrever, apenas para que eles pudessem ser evangelizados, fazer a leitura do catecismo. Tinha então a um caráter missionário e não educacional.

Sabe-se que já no período colonial os religiosos exerciam sua ação educativa missionária em grande parte com adultos. Além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamento e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros (HADDAD e Di PIERRO, 2000, p. 108).

Conforme Haddad e Di Pierro (2000), houve uma desorganização no sistema de ensino, promovida pela expulsão dos Jesuítas do Brasil em 1759. Somente no Império encontram-se informações sobre ações no campo da educação de adultos, devido a necessidade de algumas mudanças educacionais no ensino noturno para analfabetos. A propagação da EJA no Brasil ocorreu apenas no decorrer do século XX acompanhado a tardia constituição do sistema público de ensino. Até o final do século XIX a oportunidade de escolarização era para uma pequena parcela da

população pertencente à elite econômica à qual se admitia administrar a educação primária como direito, do qual ficavam excluídos negros, indígenas e grande parte das mulheres.

Já o período republicano, conforme os autores, se caracterizou por grandes quantidades de reformas educacionais que, de alguma maneira, procuraram um princípio de normatização e preocuparam-se com o estado precário do ensino básico. Porém, tais preocupações pouco efeito prático produziram, uma vez que não havia dotação orçamentária que pudesse garantir que as propostas legais resultassem numa ação eficaz. Até esse período, a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas.

Só então a partir de 1930 que a educação de jovens e adultos começa se salientar no país, quando no ano de 1934 o governo cria o Plano Nacional de Educação que estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória e extensiva para adultos como direito constitucional. Já na década de 1970 destaca-se no país o ensino supletivo, instituído no ano de 1971, mesmo ano que surge o Movimento Brasileiro de Alfabetização, denominado MOBRAL, que pretendia erradicar o analfabetismo e inserir jovens e adultos no mercado de trabalho.

A Constituição Federal de 1988, Artigo. 208, incisos I, II e VI reconhece o direito dos jovens e adultos ao Ensino Fundamental e Médio, público e gratuito, não proporcionado na idade própria. Somente em 1996, surge a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº. 9.394/96), que reafirma o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico e ao dever público sua oferta gratuita, estabelecendo responsabilidades aos entes federados através da identificação e mobilização da demanda, com garantia ao acesso e permanência (BRASIL, 1996).

Segundo o parecer CNE/CEB 11/2000, onde consta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, a EJA é formada por três funções, abaixo elenco as funções:

Função reparadora: não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negados – o direito a uma escola de qualidade, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante, porém não se deve confundir a noção de reparação com a de suprimento.

Para tanto, é indispensável um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alunos jovens e adultos. Esta função refere-se a possibilidade de acesso ao ensino fundamental e médio de qualidade, a todos aqueles que foram privados deste direito na idade própria.

Função equalizadora: relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços das estéticas e nos canais de participação. Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura. Esta função refere-se à os seguimentos da sociedade que tiveram sua trajetória escolar interrompida por diversos motivos.

Função qualificadora: refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação e jovens e adultos. Esta última função configura-se a própria essência da EJA, em uma perspectiva de educação permanente, ajudando estes indivíduos desenvolverem plenamente em quadros escolares ou não escolares.

Desta forma, ao estudar a História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, percebo que ela está fortemente ligada ao contexto político e ao momento histórico vivenciado. A responsabilidade pela oferta desta modalidade de ensino sempre foi compartilhada por órgãos públicos ou organizações sociais. Mas, apesar disso a Educação de Jovens e Adultos sempre teve como marca o viés compensatório e reducionista (HADDAD e Di PIERRO, 2000).

A educação de Jovens e Adultos foi por muito tempo algo que teria seu fim, depois de ter escolarizado aqueles que ainda não eram, e também com o ensino obrigatório das crianças, mas a realidade é bem diferente, pois a todo o momento tem uma renovação do público da EJA, o que torna quase impossível ver o fim desta modalidade. Segundo as Diretrizes Curriculares para EJA:

Estudos elaborados pelo INEP com base nos dados da PNAD 2007 demonstram que do total de 10,2 milhões de jovens nesta faixa etária, apenas 50% (5,1 milhões) frequentavam a escola na série adequada à idade,

1,8 milhão tinham de 1 a 2 anos de defasagem e mais de 1 milhão de jovens apresentavam mais de 3 anos de defasagem idade-série. Com relação aos que não estavam frequentando a escola, que totalizavam 1,8 milhão de jovens de 15 a 17 anos, apenas 290 mil concluíram sua última série na idade adequada e cerca de 1,3 milhão já tinham mais de 2 anos de defasagem quando deixaram de frequentar a escola. São dados que revelam uma expressiva demanda potencial pela EJA e que precisam ser considerados em qualquer decisão (Diretrizes Curriculares da Educação, p. 342).

A todo o momento tem uma nova demanda destes jovens, que abandonam a escola. Enquanto não se resolver as questões que levam os jovens a deixar a escola precocemente, não é possível ver o fim desta modalidade de ensino.

A Educação de Jovens e Adultos vem enfrentando um processo de renovação na faixa etária de seu público, isto é, vem sofrendo um processo de juvenilização. Sérgio Haddad e Maria Di Pierro (2000, p. 127) apontam que o perfil dos estudantes da EJA assume uma nova identidade a partir do final do século XX. Diferente das décadas anteriores, onde eram atendidos principalmente adultos vindos do meio rural, com a entrada dos jovens no programa emerge um novo desafio para a Educação de Jovens e Adultos.

Seguindo a mesma linha, Brunel (2004) aponta que a presença de jovens inseridos na modalidade de ensino da EJA altera o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam estes espaços. A autora diz ainda que é necessário repensar o espaço escolar, e desta maneira agir para mudar aquilo que não serve mais, que não acrescenta muito, e trabalhar na construção de novas relações entre os sujeitos que ocupam este espaço. Conforme estes autores o termo juvenilização, representa a crescentemente entrada de jovens alunos na EJA, grande parte dos quais são adolescentes excluídos da escola regular. Haddad e Di Pierro cita que: “A partir dos anos 80, os programas de escolarização de adultos passaram a acolher um novo grupo social constituído por jovens de origem urbana, cuja trajetória escolar anterior foi malsucedida (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 127). Estes jovens, muitas vezes, são vistos como alunos problemas, ou que não tiveram sucesso no processo de escolarização, ou que estão inseridos no mercado de trabalho e que vem tentando concluir seu estudo de uma forma mais rápida.

Este processo é um grande desafio para os professores desta modalidade de ensino, pois antes eles atendiam a outro público, que não tinham acesso a escola, no caso adultos e pessoas idosas. Hoje além deste público, os educadores se deparam com outro grupo social, os jovens, com demandas e realidades bem diferentes do

público anterior. Para Dayrell (2005), os educadores da EJA, tem uma visão que rotulam seus alunos:

O que se constata é que boa parte dos professores de EJA tendem a ver o jovem aluno a partir de um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos e, com esse olhar, correm o risco de analisá-los de forma negativa, o que os impede de conhecer o jovem real que ali frequenta (DAYRELL, 2005, p. 54).

Carrano nos chama também a atenção para o desafio do que temos chamado de “juvenilização da EJA”

Deveríamos caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens – e não apenas alunos – histórica e territorialmente situados e impossíveis de conhecer a partir de definições gerais e abstratas. Neste sentido, seria preciso abandonar toda a pretensão de elaboração de conteúdos únicos e arquiteturas curriculares rigidamente estabelecidas para os “jovens da EJA” (CARRANO, 2007, p. 56).

Desde a década de 90, em função da dinâmica escolar brasileira e das pressões oriundas do mercado do trabalho. Muitos fatores vêm contribuindo para que esse fenômeno de juvenilização venha a se tornar uma categoria permanente na EJA. As deficiências do sistema de ensino regular público, como a evasão, repetência, que ocasionam a defasagem entre a idade/ano escolar, a possibilidade de aceleração de estudos (como o fato de concluir em menor tempo o Ensino Fundamental e Médio) e a necessidade do emprego, contribuem para a migração dos jovens à EJA. A Educação de Jovens e Adultos apresenta muitas mudanças na sua história, entre estas mudanças destaco a crescente entrada de alunos de idades entre 15 e 18 anos nesta modalidade de ensino. “O número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar, e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço.” (BRUNEL, 2004, p. 09).

Esta crescente entrada de jovens na modalidade EJA, ocorre por deficiências no processo escolar, como por exemplo a repetência ou evasão escolar, que geralmente tem como consequência o atraso, e a falta de sintonia entre idade e ano escolar que este jovem frequenta. Penso também que fatores emocionais, socioeconômicos, como por exemplo a necessidade de trabalhar, e fatores familiares aumentam a procura por esta modalidade de ensino.

3 MOTIVOS QUE LEVAM OS JOVENS A ESTAREM PRECOCEMENTE NA EJA

Definir o que é juventude é uma questão muito complexa, pois este termo abrange muitos contextos existentes, ou seja, é impossível reconhecer a juventude como única, como se todos os indivíduos fossem passar por esta etapa da vida da mesma forma. Assim, como todas as outras etapas da vida, a juventude é formada por indivíduos, cada um com suas particularidades e os mesmos estão em constante mudança.

Para Dayrell (2011) não é possível encontrar juventude em um estado puro, “Não há uma juventude em si e que apenas possa ser nomeada conceitualmente, sem referências a um conjunto situacional de fenômenos que a concretizem”. (DAYRELL, 2011, p.15). Este autor, trabalha com a ideia de “condição infanto-juvenil”, ele atribui significado a este ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. (DAYRELL, 2011, p. 16).

De maneira geral, a juventude sempre foi vista como a passagem entre a infância e a vida adulta, mas, hoje os jovens estão assumindo outras responsabilidades cada vez mais cedo. São exemplos dessas, a responsabilidade de um casamento, de criar um filho, de trabalhar, de administrar uma casa, atividades essas, que já foram vistas, em outros tempos, como papel desempenhado na fase adulta. Hoje existem jovens “com vivências que, há alguns anos atrás, serviam de modelo para a passagem da infância para a via adulta” (FURTADO, 2009, p. 45).

Nesse sentido, posso afirmar que juventude é uma definição muito ampla, ela não se define apenas pela questão biológica, mas sim pelas características sociais, ou seja, não é pela idade que se define juventude, e sim pela maneira de ser e estar no mundo. Quanto a isso, Carrano (2007) afirma que:

Nem todos os jovens vivem a sua juventude como situação de trânsito e preparação para a vida adulta. Os educadores precisam, então, estar atentos à pluralidade de situações e trajetórias labirínticas que configuram um quadro múltiplo de modos de viver a “transição da vida adulta”. Isso significa dizer, por exemplo, que para jovens das classes populares, as responsabilidades da “vida adulta” chegam enquanto estes estão experimentando a juventude. (2007, p. 5).

A meu ver é preciso tomar cuidado com as generalizações, pois os indivíduos podem estar na mesma etapa da vida, porém ter vivências diferentes. Portanto, além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica transformando-se na medida das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem.

Arroyo (2006, p. 6) salienta que “os jovens e adultos sempre que voltam para a escola, voltam pensando em outros direitos: o direito ao trabalho, o direito à dignidade, o direito a um futuro um pouco mais amplo, o direito à terra, o direito à sua identidade”. Portanto para uma verdadeira reconfiguração da EJA, é necessário o comprometimento de todos os atores do processo: escola, Estado, professores e alunos, compreendendo que o jovem e o adulto são sujeitos ativos e de direito. Na sociedade existe uma tendência valorização do jovem, mas essa valorização não contempla ainda os jovens das camadas populares. É preciso apagar alguns traços de nossa cultura elitista, entre eles “o olhar negativo sobre a juventude popular” (ARROYO, 2005, p. 26), entendendo-os como sujeitos de direitos e deveres, só assim a EJA perderá seu caráter reducionista e compensatório. Assim diante das questões colocadas para reflexão entende-se que a proposta do ensino valorizando a ideia de letramento, numa perspectiva do pensamento autônomo.

Entrevistei cinco estudantes, os jovens tinham características distintas entre si. Cheguei até eles através de minha mãe e irmão, que os conheciam da escola onde também frequentam a EJA. Praticamente todos que participaram da pesquisa são alunos são da mesma escola onde tinha idealizado realizar inicialmente.

Cada um tem uma história que determina suas escolhas, seus posicionamentos e atitudes. Cada aluno é um ser humano original, e nestes espaços onde a diversidade se faz presente, conhecer um pouco a história individual de cada um é imprescindível. (BRUNEL, 2004, p. 81).

A coleta das informações não foi do jeito que imaginei, mas procurei realizar da melhor maneira possível neste momento. Realizei uma conversa prévia com eles, contando um pouco sobre mim, principalmente sobre minha trajetória escolar, que também foi através da EJA, e explicando meus objetivos na realização da pesquisa. Busquei tornar o clima acolhedor para que houvesse uma troca, e eles criarem uma confiança em mim, já que eu era desconhecida para eles.

O entrevistado A é um jovem que tem 17 anos, no dia da entrevista já fazia 1 ano e 2 meses que estava cursando esta modalidade de ensino, ele mora com pais e irmãos não tem filhos e trabalha durante o dia. Considero ele fundamental para realização do trabalho, ele tem uma trajetória escolar marcada por reprovações, inclusive nos anos iniciais do ensino fundamental. Ele me conta que reprovou três vezes no ensino fundamental. Para este estudante, os motivos que os levou trocar o ensino regular pela modalidade EJA foram dois fatores, um foi de que ele precisava trabalhar durante o dia e que assim ficava melhor para ele estudar à noite.

Ele viu nesta modalidade uma alternativa mais viável para a condição dele, porque esta modalidade tem um horário mais apropriado para o estudante trabalhador, permitindo que conclua seus estudos. E o segundo fator, foi por conta das reprovações no ensino fundamental. Ele conta que reprovou uma vez no 4° ano e duas vezes no 6° ano. Relata que sentia dificuldades na aprendizagem, e também sofria *bullying* dos colegas por conta do seu jeito alto e franzino. Ele diz que foi um convite da diretora da escola para ele mudar para EJA, já que ele era grande demais para estar na turma junto com as crianças. Disse também que seria mais fácil para ele aprender, porém não foi uma escolha dele nem da família, tanto que ele relata que a mãe não ficou satisfeita com o convite, pois ela acha perigoso o filho ir para o noturno, mas mesmo assim aceitaram realizar a troca da modalidade de ensino.

Com certeza, são essas as frações dos jovens que entram mais cedo no mercado de trabalho e largam mais cedo a escola, antes mesmo do tempo mínimo obrigatório de escolarização e de proteção ao trabalho. São eles que evadem, abandonam, repetem anos na escola por não conseguirem acompanhar os ritmos definidos pela cultura escolar. São eles que buscam o ensino noturno e a Educação de Jovens Adultos para permanecerem estudando, o que demonstra que, apesar dos fracassos, o valor da escola ainda é relevante. (MEC, 2011, p. 18).

Também pude verificar nos jovens pesquisados, que apesar dos problemas de repetências, eles não desistiram da escola, pois acham a escola relevante e tem a consciência que é através dela que terão uma vida melhor.

O estudante B tem 16 anos, é do sexo masculino, mora com os pais e irmãos ele me conta que reprovou duas vezes no, uma no 5° ano e outra no 7° ano, o motivo da transferência dele para EJA foi para concluir o ensino fundamental mais rápido. Sobre isto, Brunel (2004), afirma que existem vários fatores que levam os jovens para EJA, especialmente no que diz respeito a agilidade e a rapidez conclusão dos cursos.

De acordo com a fala deste jovem, ele uma e era considerado pela escola um aluno problema, pois conversava demais e era bagunceiro, então ele foi convidado a se retirar, já que ele iria reprovar mais uma vez se continuasse lá. Então seus pais foram procurar a modalidade de ensino EJA para ele estudar.

Diferente do entrevistado A, o entrevistado B não gostou muito da ideia, por ele achava que a modalidade de ensino EJA era voltada para “marginais”, assim ele se referiu, então a família fez mudar de ideia. Disse que não gostava de estudar, mas era necessário para o futuro.

Na narrativa do aluno C, que é um menino de 16 anos, mora com pai e irmã ele conta que desistiu da escola no 5º ano, quando tinha apenas 11 anos, pois tinha que trabalhar com o pai recolhendo materiais recicláveis. Ele disse que não sentia vontade de voltar a estudar durante o tempo que ficou fora da escola. Só voltou por insistência da irmã, que o incentiva a terminar os estudos. Hoje em dia, ele é ajudante de pedreiro, trabalha durante o dia, e vai para escola à noite. “*Vou terminar a escola para ter um futuro melhor*”. Os alunos deixam a escola, para conseguirem trabalhar, mesmo que informalmente, pois tem um retorno financeiro imediato e na escola este processo é um pouco mais demorado e também depende do esforço intelectual deles.

Para o estudante D, que tem 17 anos, é do sexo masculino, ele conta que o motivo de estar na EJA são as reprovações. “Faltava muito, por isso repeti várias vezes. Quando reprovei no 6º a diretora decidiu me mudar para noite, meus colegas eram pequenos, na EJA eu me sinto bem melhor, tem gente de todas as idades”. Ele tem dificuldades de aprendizagem, e conta que tinha muitas faltas, pois se sentia desmotivado para frequentar a escola, e também ele era bem mais velho em relação aos alunos da turma que ele frequentava no ensino regular. Ele também relatou que precisava cuidar dos irmãos menores durante o dia. Com tudo isso ele acabou optando a transferir-se para EJA.

A entrevistada E tem, 16 anos, mora na casa da mãe com sua filha. Ela interrompeu os estudos por causa da gravidez quando tinha 14 anos, conta que durante a gravidez ela conseguia frequentar as aulas, mas depois que a filha nasceu não conseguiu mais frequentar ir às aulas pela manhã, que era o turno que estudava. “*Eu não tinha com quem deixar!*”, me contou. Já no período da noite, a mãe da adolescente conseguia cuidar. Então, para ela concluir o ensino fundamental, optou por transferir-se para EJA. Fiquei muito feliz com o relato dela, pois apesar da gravidez inesperada na adolescência ela não desistiu dos estudos.

Fenômenos indesejáveis como a gravidez precoce, ocasionada ou agravada pela negligência familiar compõem o universo da juventude. Claro que todos esses fenômenos são preocupantes e devem ser combatidos. Mas, principalmente, é preciso combater a naturalização com que eles são tratados, pois ela está associada ao estigma de pertencer as camadas populares, geralmente mais pobres.

Existem muitos fatores para que o processo de escolarização de um indivíduo seja bem sucedido. Um deles é ter uma boa estrutura familiar e que ela seja participativa na vida escolar. O incentivo da família para que estes adolescentes permaneçam na escola é extremamente importante para o processo de aprendizagem. Três dos cinco jovens entrevistados tem pais separados. Estudos de Brunel (2004) constata que em decorrência da separação dos pais, os jovens vão morar com outros familiares como avós, tios ou até mesmo sozinhos. E, é exigido de muitos destes jovens, uma maturidade que eles ainda não têm, isto acaba se refletindo de forma negativa na escola. De acordo com a pesquisa feita com os jovens, quatro dos cinco adolescentes investigados recebem incentivo da família para continuarem os estudos. A maioria destes adolescentes já vem de em histórico familiar de escolarização incompleta, tendo felizmente incentivo dos familiares para estudar. Exceto o entrevistado D, ele relata que não recebe o incentivo de seus familiares para estudar. Conta que a família dá mais valor quando ele sai para realizar seu trabalho de manicure do que quando vai para escola. Acredito que todos os jovens devem receber o apoio de familiares para estudar, pois sem este incentivo da família as coisas ficam bem mais difíceis. Paulo Carrano nos chama também a atenção para o desafio chamado de “juvenilização da EJA”

Deveríamos caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens – e não apenas alunos – histórica e territorialmente situados e impossíveis de conhecer a partir de definições gerais e abstratas. Neste sentido, seria preciso abandonar toda a pretensão de elaboração de conteúdos únicos e arquiteturas curriculares rigidamente estabelecidas para os “jovens da EJA” (CARRANO, 2007, p.56).

Cada um destes jovens tem um sonho particular, o que faz eles não desistirem da escola, mesmo sabendo dos problemas enfrentados diariamente, e também dos desafios que surgirão para eles conseguirem a realização dos seus sonhos e pessoas idosas, e hoje além deste público os educadores se deparam com outro grupo social,

os jovens, com demandas e realidades bem diferentes do público anterior. Para Dayrell 2005, os educadores da EJA, tem uma visão que rotulam seus alunos:

O que se constata é que boa parte dos professores de EJA tendem a ver o jovem aluno a partir de um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos e, com esse olhar, correm o risco de analisá-los de forma negativa, o que os impede de conhecer o jovem real que ali frequenta (DAYRELL, 2005, p. 54).

“Eu gosto de estudar” esta foi a resposta do primeiro jovem a responder esta pergunta. Assim como os demais, que também partilham do mesmo pensamento, eles tem interesse em aprender e em concluir os seus estudos, mesmo com as dificuldades que enfrentam em suas realidades do dia a dia.

Conforme os dados da pesquisa, a maioria dos jovens declaram não ter dificuldades de aprendizagem na EJA. O jovem entrevistado “A” ainda que é bem fácil, pois ele já tinha visto alguns conteúdos nos anos anteriores. Já para o jovem entrevistado “C”, ele declara que sente dificuldade na aprendizagem das disciplinas, pois as vezes a quantidade de conteúdo é muito grande para o tempo que eles têm em aula. Para outros jovens entrevistados a falta de tempo para o estudo também é uma dificuldade.

Sobre a perspectiva de vida dos alunos, continuar os estudos é um ponto em comum entre todos os jovens entrevistados. O entrevistado A pretende cursar o ensino médio também na modalidade EJA, e após fazer um curso superior, para trabalhar como político. “Preciso terminar os estudos para chegar até lá”. O aluno D quer terminar o ensino médio no ensino regular pois acha que estudar no período diurno é melhor “Quero terminar o ensino médio, fazer um curso e abrir meu próprio salão de beleza” afirma o entrevistado.

Os outros jovens também querem dar continuidade nos seus estudos, como é o caso da jovem C, ele pretende terminar o ensino médio na EJA e realizar um curso profissionalizante, ainda vai decidir qual “Quero estudar para conseguir ter um emprego melhor, para fazer uma casa melhor para meu pai”.

O aluno de EJA está disposto a aprender a vencer suas limitações, tem curiosidade e vai pra sala de aula com disposição para novas experiências. Suas expectativas precisam ser ajustadas, daí a necessidade da escola investir para que a recepção e transição de suas expectativas diminuam as desistências. A escola precisa considerar como fazer um processo de acesso atrelado a permanência. As

necessidades do aluno de EJA envolve sua vida pessoal e não somente o conhecimento escolar, ele tem desejo de que a escola, de alguma forma, marque sua vida. Por outro lado, o aluno de EJA sabe que precisa se integrar no mundo das letras. Essa escola precisa produzir conhecimentos diversos que contribuam e enriqueçam a vida desses alunos, eles precisam sentir-se parte do seu crescimento social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da EJA ocorre muitas mudanças na sua estrutura. Estudos demonstram que a presença de jovens na EJA está cada vez maior. Este processo de juvenilização da EJA, como é definido por diversos autores, tem interferido no cotidiano escolar de tal modalidade de ensino.

Deste modo, como foi apresentado no início do trabalho, o objetivo principal do trabalho, foi compreender os motivos que levam os jovens com idades entre 15 e 18 anos procurarem cada vez mais as turmas de EJA, e também o que eles almejam quando retornam para a escola. A partir da escuta das falas destes alunos foi possível perceber que um os principais motivos que levam os jovens procurarem cada vez mais cedo a EJA, está a trajetória escolar malsucedida, então a EJA entra como uma possibilidade de retorno a escola e ao direito à educação.

A exclusão destes jovens da escola regular ocorre por diversos motivos, como: a necessidade de entrar no mercado de trabalho cada vez mais cedo; falta de estímulo, da família e/ou da escola; desmotivação para os estudos, depois de diversas repetências ou desistências; gravidez precoce; ou até mesmo o papel de assumir uma casa. Estes fatores, resultam em um alto índice de jovens fora da escola, e também uma falta de sintonia com a idade dos alunos com o ano escolar, como consequência eles buscam a EJA para reposição da escolaridade perdida, por esta modalidade se apresentar como a forma mais rápida para recuperação de tempo e como forma deles darem continuidade ao seus estudos. No retorno a escola estes jovens enxergam a possibilidade de retomarem seu processo de escolarização, ingressarem no mercado de trabalho e melhorar de vida.

Diante desses resultados, cabe refletir a cerca de que a EJA foi pensada para atender adultos. A juvenilização na EJA é uma realidade e acontece devido ao insucesso escolar, que acontece ainda no ensino regular, a educação básica na busca de resolver o fator de correção idade série, tem tentado suprir suas deficiências para o módulo EJA, que por sua vez absorve com muitos desafios essa responsabilidade, a evasão na EJA também é uma realidade o histórico de reprovação, baixa autoestima e ausência da família torna difícil a permanência na escola.

Esta pesquisa foi enriquecedora para minha vida pessoal e profissional, e com certeza também foi um desafio. Tenho certeza que esta pesquisa irá contribuir para os profissionais da educação, e espero que este estudo promova mais saberes e novas pesquisa, para que a EJA tenha sua visibilidade necessária.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Educação de jovens e adultos**: um campo de direitos e responsabilidade pública. Caderno de textos. Contagem – MG, 2005.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. MEC. **Caderno de Reflexões** – Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Básica Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica. Brasília/MEC/Secad: Via Comunicação 2011.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. PARECER CNE/CEB 11/2000. Brasília, DF, 2000.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre, Mediação, 2004.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". **REVEJ@**: Revista de Educação de Jovens e Adultos, Belo Horizonte, v. 1, n. 0, p. 55-67, 2007.

DAYRELL, Juarez. A juventude e a educação de jovens e adultos: reflexões iniciais novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**. 3. Edição – Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2009.

HADDAD Sérgio, Maria Clara Di Pierro. **Revista Brasileira de Educação-ANPEd**, 2000.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

- Dados pessoais (nome, idade, gênero, estado civil, tem filhos, mora com quem):
- Que ano que você frequentava no ensino regular?
- Faz quanto tempo que você já estuda na EJA?
- Quanto tempo você estava sem estudar?
- Você gosta de estudar? Quais suas motivações para frequentar a escola?
- Qual foi o motivo que levou você interromper a escola na idade/ano certo?
- Por qual motivo escolheu a EJA para continuar os estudos?
- Essa mudança do ensino regular para a EJA foi uma escolha sua?
- O motivo pelo qual você saiu do ensino regular para a EJA se resolveu?
- Por que você vem para a escola?
- Você trabalha? Onde, qual sua jornada de trabalho?
- Você tem incentivo dos seus familiares para estudar?
- Como está sua aprendizagem? Você sente dificuldade?
- Você percebe que o que você estuda na escola, interfere no seu trabalho? Como?
- Você se sente acolhido nesta escola?
- Quais são suas perspectivas de vida para depois que terminar o ensino fundamental? Você pretende cursar o ensino médio na EJA ou no ensino regular? Por quê?
- Como você imagina uma escola ideal